

Editorial

Seguimos em tempos sombrios, a ameaça à vida em todas as suas dimensões é presente e constante, cruzamos campos de guerra, contamos os mortos e cuidamos dos feridos, dos sobreviventes e suas sequelas físicas, mentais e emocionais.

A maldição apócrifa apresentada no projeto editorial do primeiro semestre – “Que vivas tempos interessantes!” – ainda vigora em seu cinismo e ambiguidade.

A psicanálise, diante desse panorama obscuro, vem constituindo formas de trabalho que sustentam nossa prática, e desafia a maldição perscrutando onde há vida no interior da guerra. Tal como uma sonda, rastreia focos de vida, reconhecendo, até mesmo em pequenas frestas ou escombros, a incipiente potência de Eros que urge.

Nossa clínica contemporânea presencial e on-line nos aponta para isso. Experiências que já fazem parte das observações e publicações psicanalíticas em trabalhos, comunicações, encontros, congressos e reuniões científicas, inclusive no nosso primeiro número de 2021.

Neste segundo número, propusemos ampliar a investigação inicial, questionando de quais recursos dispomos para o trabalho psicanalítico frente a turbulências de tamanha intensidade.

Turbulência não é terreno novo para psicanalistas, configura-se mesmo como constituinte do campo próprio ao trabalho; se há trabalho psicanalítico, este acontecerá na contenção, elaboração e transformação no campo instável e turbulento da mente humana. Na atualidade, contudo, o precipitado perturbador da realidade externa marca e inscreve-se nas experiências próprias a cada indivíduo e a cada dupla de trabalho analista-analisando.

Recursos teóricos e experiências clínicas e pessoais, sem dúvida, são parte da caixa de ferramentas do analista. Tentando caminhar um pouco mais nesse sentido, indagamos sobre a beleza. E o papel da estética? Lembramos a frase de Bion em *Uma memória do futuro*,^[1] nos unindo à pergunta de sua personagem Rosemary: “A beleza poderia ajudar?”

Em parceria com a Diretoria Científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto, organizadora do Encontro Internacional On-line “Psicanálise e Experiência Estética”, realizado em junho de 2021, propusemos uma articulação ampliada sobre o tema. A convidada Meg Harris Williams (Reino Unido) apresentou a ideia do impacto da beleza causando turbulência e a resposta estética como uma forma de

1. Bion, W. R. (1979). *Uma memória do futuro I: O sonho* (P. C. Sandler, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1975). p. 141.

conter o significado da turbulência. A estética pode ser uma das formas de olhar tanto para dentro como para fora de nós, permitindo o acesso a novos significados. Já Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho (SP), parceiro de Meg neste encontro, nos brindou com preciosas observações clínicas e sua relação com o conflito estético.

Assim tecemos o presente número da nossa revista, que se abre com os trabalhos de Meg Williams e Junqueira Filho, os quais, a partir de suas apresentações no Encontro Internacional, inspiraram livremente outros colegas, que os acompanharam em suas reflexões, ampliando observações e trazendo ainda novas articulações.

No artigo “O *tom* da beleza”, Alda Oliveira, Juarez Cruz, Luisa Rizzo, Nina Furtado, Rosane Poziomczyk e Tula Brum apresentam suas reflexões sobre o conto “O sorriso”, de Ray Bradbury. O diálogo em torno da estética (sempre associada à ética) abre-se para ressonâncias teóricas psicanalíticas e poéticas. As diferentes percepções constroem novos significados a partir do vértice dos diferentes autores.

“Sobre memoriais: a necessidade de lembrar e o desejo de esquecer”, artigo de Mirian Malzyner, busca refletir sobre a resposta estética à violência humana presente nos atos terroristas e guerras, principalmente na forma de memoriais. Aborda o conceito dos antimemoriais, trazendo vários exemplos que incorporam o “vazio” como forma de expressão. Os processos de luto pedem recursos afetivos e criatividade para criar espaços vivos de memória e abertura, para que experiências reparadoras possam acontecer. Arte e psicanálise dialogam, e as formas estéticas aumentam e enriquecem o repertório pessoal e cultural do analista para lidar com vivências emocionais, por mais radicais e impensáveis que sejam.

Cleuza Mara Lourenço Perrini, no artigo “Sobre o significado clínico da experiência estética: a beleza poderia ajudar?”, traz as vicissitudes da experiência estética como matéria-prima da mente – “alma dos pensamentos”.

A próxima parada nos remete à música, em “Os acordes musicais, a experiência estética e o encontro analítico: música e psicanálise”. O texto de Juliana Barlette Ferraz Zamboneti propõe uma interlocução entre psicanálise e música, pensamentos e reflexões no que tange à experiência estética, à linguagem e aos símbolos, às formas musicais e aos paradoxos mentais. A partir dessa compreensão, busca explorar uma aproximação com o trabalho clínico e o modo como essa comunicação pode apresentar-se na experiência viva de encontro analítico.

Na seção “Infância e Família”, temos o artigo “O que vem antes do antes? Expectativas de vida!”, no qual Mércia Maranhão Fagundes nos apresenta a beleza

do encontro analítico, momentos cuja experiência emocional vivida na dupla analista-bebê possibilita emergir o inusitado. Expectativas primordiais, que encontram realizações e abrem a possibilidade de evolução da mente do analista e do analisando. Nas palavras da autora, “a atmosfera do encontro, a observação e valoração de que o encontro entre analista e analisando se processa além das palavras, possibilitando a experiência emocional de um momento inefável, indescritível, mas de infinita beleza, são consideradas essenciais”.

Ainda nessa seção contamos com o artigo de Maria Cecília Pereira da Silva, “Como tirar proveito de um mau negócio: controvérsias sobre os laços on-line”, que traz o desafio de criar um clima emocional na experiência de atendimento on-line, transpondo a bidimensionalidade da tela para a tridimensionalidade de um encontro vivo na dupla analista-analisando. Através de fragmentos de sessões com paciente criança, adolescente e adulto, sinaliza a importância da mente do analista para submergir na experiência, aguçar sua sensibilidade e sustentar a condição de sentir, pensar, sonhar...

Na seção “Psicanálise em Língua Portuguesa”, Cláudio Eizirik apresenta, em “Um silêncio ensurdecador”, um olhar psicanalítico sobre os temas gêmeos da escravidão e do racismo. Considera que a escravidão e o racismo brasileiros constituem o grande tema negligenciado, o grande escândalo, a grande omissão, o ensurdecador silêncio de nossa história e de nossa formação como cultura e nação. Discute a série de artigos publicados no *Observatório Psicanalítico* da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) sob o tema “Vidas negras importam”, apontando a importância e emergência do tema para a psicanálise.

Encerrando esta edição, em “Conversando com...” temos as entrevistas com Meg Harris Williams e Junqueira Filho, nas quais os autores comentam importantes ideias desenvolvidas nos artigos apresentados no início do número de uma forma descontraída e reflexiva.

No contexto atual, em tempo de desafios e impasses, em pandemia, há ainda um olhar para a fertilidade trazida pela beleza? Por onde ela anda, e onde a encontrar?

Acreditamos que a proposta editorial deste número serviu como uma brecha, uma fresta por onde observar a beleza que pode fertilizar o pensar e transformar o sentir. A proposta, em tempos sombrios, convoca o humano e aposta na atemporalidade dos afetos.

A todos, uma boa leitura!

Marystella Carvalho Esbrogeo

Coeditora